

A RESPOSTA DE D'ALEMBERT AO "DISCURSO SÔBRE AS CIÊNCIAS E AS ARTES"

Sabe-se que o **Discurso preliminar da Enciclopédia** termina com uma crítica aberta ao **Discurso sôbre as Ciências e as Artes**. Mas cabe perguntar se, no decorrer de seu ensaio, d'Alembert já não se referira implicitamente ao **Discurso** de Rousseau. Embora possa parecer impróprio fazer uma distinção entre alusões intencionais e meras coincidências, tentaremos fazer o levantamento de certos textos, cuja convergência, nêste ponto, é marcante: tais textos serão citados na ordem de sua apresentação (1).

*

A primeira parte do **Discurso preliminar**, que retrança a gênese ideal das ciências e das artes (sua "genealogia", diz d'Alembert (2)), segundo "a exposição metafísica" (3)), contém, não há dúvida, poucos indícios da leitura de Rousseau. Quando muito se pode notar a confissão expressa de ignorância a respeito da essência da eletricidade (4), confissão cuja modestia se conforma a uma advertência de Rousseau (5); e, na

(1) — As referências que se seguem remetem, no caso do *Discours préliminaire*, à edição da *Bibliothèque Mediations*, Paris, 1965 e, no caso do *Discours sur les sciences et les arts*, à *Bibliothèque de La Pléiade*, Rousseau, *Oeuvres Complètes*, T. III, Paris, 1964.

(2) — *Disc. pré.*, p. 19.

(3) — *Disc. pré.*, p. 75.

(4) — *Disc. pré.*, p. 41: "Os corpos elétricos... talvez sejam, num certo sentido, os corpos menos conhecidos, justamente porque parecem sê-lo mais. Para nós, são coisas distintas a virtude que adquirem, pela fricção, de atraírem pequenos corpúsculos, e a de produzirem nos animais uma comção violenta; seriam uma coisa só, se pudéssemos chegar à primeira causa".

(5) — *O. C.*, t. III, p. 18, nota: "Quanto menos se sabe, mais se julga saber... Hoje em dia mesmo, haverá na Europa algum físico, por mais medíocre que seja, que não explique com ousadia êsse profundo mistério da eletricidade, que talvez seja, para sempre, o desespero dos verdadeiros filósofos?"

reabilitação das “artes mecânicas” (6), uma certa ênfase pode lembrar a eloqüente condenação que Rousseau fizera da “preferência (que se dá) aos talentos agradáveis em detrimento dos talentos úteis” (7).

As referências são mais numerosas na segunda parte que, como o **Discurso** de Rousseau, examina “o estado presente das ciências e das artes” e mostra “por qual gradação chegou-se até aí”, a partir do “renascimento das letras” (8). Desde o início, esta “exposição histórica” (9) choca-se com uma dificuldade levantada por Rousseau. No comêço de seu **Discurso**, Rousseau expusera a tese tradicional do “restabelecimento das ciências e das artes”, acrescentando uma frase, adequada no seu espírito a questionar o valor dêsse “restabelecimento”: “Logo as ciências seguiram as letras: à arte de escrever juntou-se a arte de pensar — gradação que parece estranha e que, no entanto, talvez seja muito natural — e começou-se a sentir a principal vantagem do comércio com as musas, a de tornar os homens mais sociáveis. . .” (10). D’Alembert consagra um parágrafo inteiro ao exame da objeção e a explicar essa **gradação estranha**: “Quando, a partir dessa época memorável, se consideram os progressos do espírito, vê-se que os mesmos se fizeram na ordem que deviam naturalmente seguir. Começou-se pela erudição, continuou-se pela literatura (**belles-lettres**) e terminou-se pela filosofia. Na verdade, essa ordem difere da que deve observar o homem entregue às suas próprias luzes, ou limitado ao comércio dos seus contemporâneos, tal como sobretudo o consideramos na primeira parte dêste **Discurso**; com efeito, fizemos ver que o espírito isolado deve encontrar em seu caminho a filosofia antes da literatura. Mas saindo de um longo intervalo da ignorância, que fôra precedido por séculos de luzes, a regeneração das idéias — se assim podemos falar — têve necessariamente de ser diferente da sua geração primitiva” (11).

(6) — **Disc. préel.**, pp. 52-55.

(7) — **O. C.**, t. III, pág. 26. A oposição entre as duas espécies de “talento” — onde Rousseau, é verdade, tem em vista sobretudo a agricultura — termina com a seguinte frase: “Tal é o estado a que se vêm reduzidos, tais são os sentimentos que obtêm de nós aqueles a quem devemos o pão, a quem devemos o leite de nossos filhos”. D’Alembert diz, de maneira ainda mais simples: “Mas a sociedade, respeitando com justiça os grandes gênios que a iluminam, não deve desprezar as mãos que a servem” (p. 54).

(8) — **Disc. préel.**, págs. 75-76.

(9) — **Disc. préel.**, pág. 75.

(10) — **O. C.**, t. III, pág. 6.

(11) — **Disc. préel.**, pág. 76.

Em dois momentos do seu **Discurso** (12) Rousseau ataca os “filósofos”, comparando-os a “um bando (**troupe**) de charlatães gritando cada um por seu lado numa praça pública: “Vinde a mim, só eu não engano ninguém” (13). De fato, tanto pela escôlha dêesses exemplos, como ainda pelo emprêgo do têrmo “filósofo”, Rousseau está atrasado: sua crítica volta-se apenas contra aquêles que sua época chama de metafísicos. D’Alembert, depois de elogiar Locke (“reduziu a metafísica ao que ela deve ser efetivamente, isto é, à física experimental da alma” (14)), explica essa rivalidade entre os que aspiram ao nome de **metafísico**: “Quantos há, entre êles, que só o merecem pelo talento infeliz de obscurecer com muita sutileza idéias claras e de preferir, nas noções que formam, o extraordinário ao verdadeiro, que é sempre simples? Depois disso não há como espantar-se, se a maior parte dos que se chamam **metafísicos** fazem tão pouco caso uns dos outros”. E prevê que êsse título, como outrora o de sofista, será em breve “repellido pelos verdadeiros filósofos” (15).

Rousseau opusera aos gênios criadores, “essa multidão de autores elementares que haviam excluído do templo das Musas as dificuldades que lhê barravam a entrada ... êsses compiladores de obras que arrombaram indiscretamente a porta das ciências e introduziram no seu santuário uma população indigna de tal proximidade” (16). D’Alembert, por sua vez, considerando que “a história das ciências liga-se à do pequeno número de grandes gênios” (17), adota a mesma distinção: determina que não se confunda a causa de Descartes “com a de seus sectários” (18) e acrescenta: “Além disso, os restauradores das ciências quase nunca desfrutam de tôda a glória a que têm direito; espíritos muito inferiores arrebata-na, porque os grandes homens se entregam ao seu próprio gênio e os homens mediócras ao gênio de sua nação” (19).

Falando de “nossas obras de espírito”, d’Alembert constata que são “geralmente inferiores às do século precedente”, pois, enquanto êste descobriu o belo, “à geração seguinte (só resta) imitá-lo ... Portanto, dispomos ao mesmo tempo de mais princípios para bem julgar, de maior reserva de luzes,

(12) — O. C., t. III, págs. 18-19; 27.

(13) — O. C., t. III, pág. 27.

(14) — Disc. préel., pág. 100.

(15) — Disc. préel., pág. 101.

(16) — O. C., t. III, págs. 28-29.

(17) — Disc. préel., pág. 76.

(18) — Disc. préel., pág. 105.

(19) — Disc. préel., pág. 107.

de um número maior de bons juizes e de um número menor de boas obras; não se diz nunca que um livro é bom, mas que é a obra de um homem de espírito” (20). Rousseau, por sua vez, ao ilustrar “a funesta desigualdade introduzida entre os homens pela distinção dos talentos e pelo aviltamento das virtudes”, constatara: “Não se pergunta mais se um homem é probo, mas se possui talentos; nem se um livro é útil, mas se é bem escrito” (21).

D’Alembert, no entanto, atenua o alcance de sua crítica, precisando: “Refiro-me aqui sòmente ao século em geral, pois está longe de mim a pretensão de satirizar os poucos homens de raro mérito, com quem convivemos” e, depois de uma breve menção a J. B. Rousseau e a Crébillon, pronuncia o elogio de Voltaire, “que seguramente obterá no pequeníssimo círculo de grandes poetas o lugar de destaque a que tem direito” — elogio que assim termina: “Que eu possa aqui, percorrendo suas obras admiráveis e numerosas, oferecer a êsse gênio raro o merecido tributo de elogios, que já recebeu tantas vêzes de seus compatriotas, de estrangeiros, de seus inimigos, e que a posteridade levará ao apogeu, quando já não mais puder desfrutá-los!” (22). É difícil não entrever nessas frases a réplica a Rousseau, que escrevera: “Todo artista quer ser aplaudido ... E rebaixará seu gênio ao nível do século, preferindo compor obras comuns, admiradas no decorrer de sua vida, a obras maravilhosas, que só se irão admirar muitos anos após sua morte. Dizei-nos, célebre Aroüet, quantas belezas fortes e másculas sacrificastes à nossa falsa delicadeza e quantas coisas grandes vos custou o espírito de galanteria, tão fértil em coisas mesquinhas!” (23).

Como Rousseau (24), mas por motivos menos aparentes, d’Alembert coloca no fim do seu **Discurso** um elogio às Academias (25), dando grande destaque a uma observação de Rousseau, cujo sentido original, no entanto, inverte: “As recompensas são prodigalizadas ao **bel esprit** e a virtude não recebe honrarias ... Digam-me, contudo, se a glória atribuída aos melhores dos discursos coroados por esta academia, é comparável ao mérito de ter instituído tal prêmio? O sábio não corre atrás da fortuna, mas não é insensível à glória; e, vendo-a tão mal distribuída, sua virtude, que um pouco de emu-

(20) — Disc. préel., pág. 113.

(21) — O. C., t. III, pág. 25.

(22) — Disc. préel., págs. 113-115.

(23) — O. C., t. III, pág. 21.

(24) — O. C., t. III, pág. 26.

(25) — Disc. préel., pág. 116.

lação teria reanimado, trazendo proveito à sociedade, cai prostrada ...” (26). E d’Alembert diz, por sua vêz: “Que a consideração seja o prêmio do trabalho; enfim, que as recompensas saiam em busca dos talentos e não lhes sejam usurpadas pela intriga. Pois é preciso não se enganar: é mais pernicioso ao progresso do espírito distribuir mal as recompensas que suprimi-las” (27).

Finalmente, d’Alembert critica o “amor do falso **bel esprit**” (“as recompensas são prodigalizadas ao **bel esprit**”, dissera Rousseau (28), “que protege a ignorância, que disse se vangloria e que mais cedo ou mais tarde irá difundir-la universalmente”. Contudo, acrescenta: “Mas preservemo-nos de desejar uma tão temível revolução; a barbárie dura séculos, parece até mesmo ser o nosso elemento; a razão e o bom gosto, no entanto, são passageiros” (29). É logo em seguida que introduz, concluindo o seu **Discurso**, a resposta aberta ao **Discurso sôbre as Ciências e as Artes** (30).

*

Estas comparações de textos solicitam várias observações.

1. Excetuando-se a agressão contra Voltaire, que d’Alembert repele com energia, o autor do **Discurso Preliminar** concorda, em todos os pontos assinalados, com as observações de Rousseau, embora **interpretando-as**. No “amor do falso **bel esprit**” divisa um perigo para o bom gosto e não, como quer Rousseau, para a virtude. Do mesmo modo, quando Rousseau opõe probidade e talento — “(não se pergunta mais) se um livro é útil, mas se é bem escrito” — d’Alembert limita-se a constatar: “Não se diz nunca que um livro é bom, mas que é a obra de um homem de espírito”, transpondo a oposição rousseauiana entre moral e literatura para o interior do domínio literário. O papel das Academias não abrange mais, como em Rousseau, a direção dos costumes e, quando reclama uma repartição justa das recompensas, d’Alembert tem em vista somente as competições literárias e científicas, sem considerar o sábio (**sage**), que, no dizer de Rousseau, não era “insensível à glória”. Encontramos a mesma ausência a qualquer referência moral, no con-

(26) — O. C., t. III, págs. 25-26.

(27) — Disc. préel., págs. 116-117.

(28) — O. C., t. III, pág. 25.

(29) — Disc. préel., pág. 117.

(30) — Disc. préel., pág. 118.

traste entre os gênios e os mediócrees — contraste que, além do mais, é formulado com muito menos intransigência do que em Rousseau: d'Alembert aceita a existência “dos espíritos muito inferiores” e dos “homens mediócrees”, mas sem pensar em legislar contra êles. Pode-se mesmo perguntar se não lhe reconhece certa utilidade, na medida em que fazem parte da “sociedade” e contribuem para difundir a civilização: “Que podiam fazer êsses grandes homens — indaga-se, a propósito dos gênios da Idade Média — espalhados de longe em longe . . . e abandonados sem cultura às suas próprias luzes? As idéias adquiridas através da leitura e da sociedade são o germe de quase tôdas as nossas descobertas” (31). Há aí uma restrição evidente à tese segundo a qual “a história das ciências liga-se naturalmente à do pequeno número de grandes gênios”; enquanto Rousseau, ao contrário, havia escrito: “Não foram necessários mestres àqueles que a natureza destinou a fazer discípulos . . .” (31).

A crítica de Rousseau contra os “filósofos” é igualmente **interpretada**: d'Alembert mostra que ela só se dirige contra uma raça em vias de extinção e marcada por um justo descrédito e de modo algum poderia atingir “os verdadeiros filósofos”.

Enfim, é exato que o restabelecimento das ciências e das artes começou pela arte de escrever, antes de chegar à arte de pensar. “Gradação que parece estranha — escrevera Rousseau — e que, no entanto, talvez seja muito natural”. “Estranha”, porque parece humilhar o pensamento por causa de suas origens; “natural”, porque o pensamento está efetivamente comprometido por suas origens, comungando com “a arte de escrever” na sua busca da sociabilidade — por onde a arte de pensar e a arte de escrever se revelam como duas variedades da arte de gradar (33). “Natural”, também, porque essa “gradação” tem a seu favor o testemunho da história, e a história nos instrui de maneira perfeita e verídica. — Mas d'Alembert, às voltas com essa mesma “gradação” (34), explica-a de modo bem diverso. Como Rousseau, con-

(31) — Disc. pré-l., pág. 77.

(32) — O. C., t. III, pág. 29.

(33) — O. C., t. III, pág. 6: “A arte de escrever juntou-se a arte de pensar, gradação que parece estranha e que, no entanto, talvez seja muito natural; e começou-se a sentir a principal vantagem do comércio com as Musas, a de tornar os homens mais sociáveis, inspirando-lhes o desejo de se agradarem uns aos outros por meio de obras dignas de sua mútua aprovação”.

(34) — Disc. pré-l., pág. 75.

sidera que “a partir dessa época memorável (...) os progressos do espírito (...) se fizeram na ordem que deviam naturalmente seguir”; mas foi porque, “saindo de um longo intervalo de ignorância, que fôra precedido por séculos de luzes”, os progressos tiveram de começar pela erudição e pela literatura. A história, em si, instrui-nos sobre a causalidade que é bastante “natural” ao nível da ordem histórica. O mesmo não acontece quando se focaliza a “genealogia e a filiação de nossos conhecimentos” segundo “a exposição metafísica” (35): neste sentido, com efeito, “fizemos ver que o espírito isolado deve encontrar em seu caminho a filosofia antes da literatura” (36). Está assim restabelecida a honra do pensamento.

2. Todos os argumentos de Rousseau, tomados em consideração, são aceitos, explicados, integrados, desarmados. O que permite essa integração é a fé inabalável na civilização e na sociedade civilizada, isto é, naquilo que os argumentos de Rousseau pretendiam questionar. Assim, é verdade que o falso *bel esprit* ameaça corromper o bom gosto, mas é inegável que é superior à “barbárie” (37). Atribui-se muita importância, hoje em dia, a querer parecer “um homem de espírito”, mas é o curso natural da história que faz os imitadores sucederem aos inventores; de resto, mesmo no domínio literário, nosso século ainda pode orgulhar-se de alguns gênios incontestáveis (38). Os metafísicos preferem, sem dúvida, “o extraordinário ao verdadeiro”; mas, aos olhos dos “bons espíritos”, isso apenas os desacredita (39). É verdade, ainda, que “os filósofos, como os outros escritores, querem ser lidos ... (e que) a reputação se liga mais ao número do que ao mérito dos que a distribuem” (40). Mas deve-se admitir, por causa disso, que seja universal e redibitório “o desejo de se agradarem uns aos outros por meio de obras dignas de sua mútua aprovação”, como dissera Rousseau (41)? Em primeiro lugar, “os maiores gênios já encontram freqüentemente, no seu amor próprio, um juiz secreto mas severo, que a aprovação dos outros silencia por alguns instantes, mas jamais consegue corromper” (42). Além disso, há compensações a

(35) — Disc. préel., págs. 19, 75.

(36) — Disc. préel., pág. 76.

(37) — Disc. préel., pág. 117.

(38) — Disc. préel., pág. 113.

(39) — Disc. préel., pág. 101.

(40) — Disc. préel., pág. 109.

(41) — O. C., t. III, pág. 6.

(42) — Disc. préel., pág. 79.

esta busca de popularidade da parte dos homens de ciência (*savants*), de modo que “não se deve exagerar em nada” (43): consêlho que encerra como que o sumário das réplicas ao **Discurso** de Rousseau.

3. Tôdas essas réplicas procedem do mesmo estado de espírito que dita a resposta formal, situada no fim do **Discurso Preliminar**, e como que a preparam. D’Alembert não tem a ingenuidade de censurar Rousseau “por ter confundido a cultura do espírito com o abuso que dela se possa fazer; êle nos responderia, sem dúvida, que êste é inseparável daquela” (44). Vimos, com efeito, que d’Alembert concorda com Rousseau no tocante a todos os “abusos” examinados, com a condição de interpretá-los diferentemente. Aliás, não é êle mesmo quem diz, a respeito “dêsse espírito filosófico, tão em voga em nossos dias”: “Abusa-se das melhores coisas” (45)? Mas, precisamente, só se pode concordar que existem certos abusos e que êles são inseparáveis da cultura do espírito, porque nem a virtude, nem o vício nada lhes devem, e têm causas totalmente diversas, que não cabe ao **Discurso Preliminar** investigar, e que um **Discurso sôbre as Ciências e as Artes** não poderia descobrir (46). As letras têm um efeito certo: ajudam a polir a sociedade e difundem as luzes; quanto a melhorar os costumes, pode-se perguntar se a própria moral é capaz disso (47) (essa última observação inspira-se de uma de Rousseau) (48). Devem-se, por conseguinte, conservar os conhecimentos humanos, por suas vantagens certas (e tão frágeis) (49); mesmo que se concedesse, apenas por hipótese, que contribuem para a corrupção dos costumes, não se ganharia nada em destruí-los: “os vícios permaneceriam e teríamos, de acréscimo, a ignorância” (50).

(43) — Disc. préel., pág. 109: “Em compensação — pois não se deve exagerar em nada — nossos livros de ciência parecem ter adquirido aquelas qualidades inclusive, que pareciam ser privativas das obras de literatura”.

(44) — Disc. préel., pág. 118.

(45) — Disc. préel., pág. 112.

(46) — Disc. préel., pág. 118: “Nós lhe pediremos que examine se a maior parte dos males que atribui às ciências não são devidas a causas completamente diversas, cuja enumeração aqui seria não apenas longa mas delicada”.

(47) — Disc. préel., pág. 118: “As letras certamente contribuem para tornar a sociedade mais amável; seria difícil provar que melhorem os homens e propaguem a virtude; mas êste privilégio pode-se contestar à própria moral”.

(48) — O. C., t. III, pág. 17: “Todos (os conhecimentos humanos), e a própria Moral (nasceram) do orgulho humano”.

(49) — Disc. préel., pág. 117: “A barbárie dura séculos, parece até mesmo o nosso elemento; a razão e o bom gôsto, no entanto, são passageiros”.

(50) — Disc. préel., pág. 118.

4. Compreende-se, dêste modo, que, no decorrer da segunda parte do **Discurso Preliminar**, a prédica moral de Rousseau seja tratada por preterição; d'Alembert só examina os argumentos de Rousseau na medida em que se relacionam com o objeto desta segunda parte, isto é, "o estado presente das ciências e das artes" (51), e não, precisamente, a moral. E quando, no fim, a tese de Rousseau é abordada de frente, as ciências e as artes são absolvidas de um acusação que lhes é tão alheia quanto o seria, por antítese, o elogio de contribuir para os bons costumes. Estão, na verdade, para além do bem e do mal, e a crítica terminal de d'Alembert refere-se tanto à solução dada por Rousseau, quanto à Academia de Dijon, por haver proposto tal problema.

5. Faltaria situar a resposta de d'Alembert em relação aos escritos polêmicos que o **Discurso** de Rousseau suscitou. O objetivo principal do **Discurso Preliminar** não é, como o dêesses escritos, criticar a tese defendida por Rousseau. A própria crítica, condensada num só parágrafo, faz-se acomodar de elogios e repudia qualquer polêmica. Dirigindo-se a um colaborador da **Enciclopédia**, ela não emana de um "adversário" (52) mas de um aliado. Por isso, será acolhida por Rousseau, não como uma "declamação" (53), mas como "uma objeção considerável (...) feita por um filósofo" (54). Seria um contra-senso situar a resposta de d'Alembert na série dos escritos polêmicos.

Visto em si mesmo, o **Discurso Preliminar** pode ser interpretado como uma retomada do I.º livro do **De Dignitate et Augmentis**: as duas obras se apresentam como uma defesa e uma ilustração das ciências e das artes. Entre as duas, situa-se o **Discurso** de Rousseau, visando à refutação do livro de Bacon e suscitando, de antemão, dificuldades à obra de d'Alembert. Não é, portanto, objetivo dêste último provocar uma polêmica, mas responder, ainda que através de uma "objeção", às objeções de Rousseau. A resposta ordena-se como que por dissociação e é dada em dois tempos. No final do **Discurso Preliminar** e, por conseguinte, em lugar muito adequado, d'Alembert responde explicitamente à tese de Rousseau: define as relações entre as ciências e a moral (contestando, precisamente, tôda relação), de modo a afastar por uma espécie de questão prévia, a tese de Rousseau — e

(51) — Disc. préel., pág. 75.

(52) — Préface de "Narcisse" nota in O. C., t. III, pág. 959.

(53) — Ibidem, pág. 960.

(54) — "Réponse au Roi Stanislas", in O. C., t. III, págs. 42-43.

a de todos os moralistas, passados e futuros. A outra parte da resposta, esta implícita, encontra-se dispersa por todo o **Discurso Preliminar**: consiste em examinar vários argumentos de Rousseau e em aceitá-los em parte, independentemente da tese que se destinavam a sustentar. Com isso, d'Alembert, ao mesmo tempo em que — voluntariamente — não reconhece o desígnio do **Discurso** de Rousseau, aceita o alcance dessas observações. Cabe perguntar se, vindo de alguém como d'Alembert, essa parte da resposta não honra mais Rousseau do que a menção explícita no final do **Discurso Preliminar**.

VICTOR GOLDSCHMIDT

da Faculdade de Letras e Ciências Humanas
de Clermont-Ferrond)

(Trad. de Renato Janine Ribeiro)